



Desemprego elevado e renda em queda provocam retração no consumo. Setores de medicamentos, vestuário e calçados reduzem ritmo nas fábricas

# Produção perde fôlego

## DA REDAÇÃO

O processo de recuperação da indústria brasileira perdeu fôlego em fevereiro de 2004. Pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) constatou que a produção caiu 1,8% naquele mês em relação a janeiro. Mesmo assim, nos primeiros dois meses do ano a produção industrial acumulou alta de 2,7%. Segundo o IBGE, não é possível traçar uma tendência de comportamento para os próximos meses. Em uma série comparativa mais longa, um dado desanimador: a taxa anualizada dos últimos 12 meses registrou crescimento de 0,0%. "A produção industrial ficou estagnada no acumulado do ano passado", disse o chefe do departamento de indústria do IBGE, Silvio Sales.

Para completar o rol de notícias ruins, o IBGE revisou a variação da produção industrial em 2003, na comparação com 2002. Pela nova metodologia, ocorreu, na verdade, queda de 0,1% no ano passado e não alta de 0,3%, como foi divulgado anteriormente. A

pesquisa de fevereiro de 2004 foi realizada com base nessa nova metodologia, que abrange 27 setores, sete a mais que na pesquisa anterior. Foram incluídos, por exemplo, os setores de impressão de revistas, jornais e CDs, além de máquinas para escritório e equipamentos de informática.

registrando decréscimos". No primeiro bimestre de 2004, 15 atividades registraram alta, destacando-se refino de petróleo e álcool (11,2%), veículos automotores (8,7%) e material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações (23,8%). Entre as atividades em queda ficaram farmacêutica (-12,6%), vestuário e acessórios (-15,0%) e calçados e artigos de couro (-9,3%), três indústrias tipicamente associadas ao comportamento do consumo interno e sensíveis à evolução da massa salarial.

O desemprego alto e a renda em queda são apontados como fatores responsáveis pelo péssimo desempenho dos bens de consumo duráveis no segundo mês de 2004. Em fevereiro, a taxa de desemprego chegou a 12% da população economicamente ativa das seis maiores regiões metropolitanas do país (São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Salvador, Belo Horizonte e Porto Alegre). Em janeiro, a taxa era de 11,7%. Além do aumento do desemprego, o IBGE registrou queda na renda média do trabalhador brasileiro. O IBGE constatou ainda que o rendimento em

fevereiro caiu 5,7% na comparação com o mesmo mês de 2003.

Os resultados da produção industrial na comparação de fevereiro de 2004 com fevereiro de 2003, entretanto, variam para setores como bens de capital (10,4%), bens intermediários (4,3%) e bens de consumo duráveis (2,5%). Houve queda nessa base de comparação dos bens de consumo semi e não duráveis (-3,1%), segmento mais influenciado pela renda dos trabalhadores e que abrange produtos com calçados, vestuário, roupas e alimentos.

“Em fevereiro de 2004, os segmentos que cresceram muito em alguns períodos do ano, como bens de consumo duráveis e de capital, mostraram perda de ritmo, mas não se sabe se essa é uma tendência ou um ajuste de estoques”, explicou Silvio Sales. Na avaliação de Alexandre Maia, analista da GAP Asset Management, a queda de fevereiro era esperada porque houve crescimento muito acelerado em alguns meses de 2003. “A série da produção está muito volátil, com altos e baixos. Há dificuldade de se perceber uma tendência”, avalia.

## EM BAIXA

*O faturamento real das micro e pequenas empresas do estado de São Paulo caiu 17,9% em fevereiro na comparação com o mesmo mês do ano passado, o que significa uma redução de R\$ 3,2 bilhões no caixa do setor. As informações constam da pesquisa de conjuntura "Indicadores Sebrae-SP", realizada mensalmente pela entidade. O resultado surpreendeu o diretor-superintendente do Sebrae, José Luiz Ricca, que esperava um começo de ano melhor.*

